

sua própria doutrina, a dizer *amém* aos leguleios de sacerdotes, com ou sem batina — mas seguramente sem o Evangelho e sem a Verdade.

## VI

Nos artigos anteriores, de análise do livro do ilustrado sr. Ismael Gomes Braga, intitulado “ELOS DOUTRINÁRIOS”, havíamo-nos proposto discutir os dez itens em que se podiam agrupar as mais importantes afirmações nele contidas; e o fizemos na seguinte ordem:

(a) no segundo:

— que a missão de Kardec foi notavelmente auxiliada pelo sr. Roustaing, “encarregado de organizar o trabalho da fé, dando confirmação às Revelações anteriores;”

(b) no terceiro:

— que a obra exclusiva da sra. Collignon tem hoje caráter de universalidade, porque os espíritos a confirmaram através de três médiums: Zilda Gama, Américo Delgado e Francisco Cândido Xavier;

— que Allan Kardec não combateu a teoria do corpo fluídico de Jesus, apenas a pôs de quarentena; posteriormente, como espírito a apoia;

(c) no quarto:

— que Jesus não era homem, mas um simples agênero;

(1) A mensagem foi dada espontâneamente, no Centro “Família Espírita”, Rua do Carmo 15, Rio de Janeiro e publicada num opúsculo de distribuição gratuita, pelo director — fundador daquele Centro, cujo nome citamos com muito agrado e com muita saudade — Mariano Rango D’Aragona, destacada figura de lutador espírita.

(2) Este Centro fica no Catete, à Rua Pedro Américo, n. 22.

(3) Jean Meyer foi uma notável figura do Espiritismo na França, um dos directores da Sociedade fundada por Allan Kardec; fundou o Instituto Metapsíquico Internacional, a União Espírita Francesa, a Sociedade de Estudo Metapsíquicos e a Casa dos Espíritas, além de organizações de assistência. Foi Vice-presidente do Congresso Espírita Internacional, reunido em Londres de 7 a 12 de Setembro de 1928.

— que “se não fosse confirmada a natureza excepcional do corpo de Jesus pelo Espiritismo, as duas Revelações anteriores teriam que cair e o Espiritismo não subsistiria;”

— que “quem nega que Jesus tenha sido um agêncere nega também a codificação kardeçiana, não é espírita;”

(d) no quinto:

— que “as três Revelações — Velho Testamento, Novo Testamento e Espiritismo — formam um todo inseparável, um conjunto único em sua essência e não se pode atacar uma parte sem abalar todo o edifício;” a obra de Roustaing é uma parte desse conjunto;

— que “negar fé à obra de Roustaing é minar o edifício todo, desde Moisés até os nossos dias”

Todas estas teses foram refutadas honestamente e sem subterfúgios.

Hoje chegamos ao fim do exame. Restam duas teses que dizem:

V — que a obra de Kardec era destinada aos crentes e a de Roustaing às pessoas de cultura; e

VIII — que “está sobejamente confirmada a natureza excepcional do corpo de Jesus, em numerosas comunicações, e com isso consolidada a obra de Kardec, e confirmados o Cristianismo e o Judaísmo,”

Temos que as estudar hoje para concluir no próximo artigo.

A tese n. V do sr. Braga divide a família espírita em duas: gente crente e gente culta, assim como se dissesse: gente ignorante e gente ilustrada, gente estúpida e gente talentosa, ou ainda gente que tem fé e gente que a não tem, Notáveis os roustainguistas! Para essa gente culta, ilustrada, talentosa e sem fé, a lógica não existe. S. s. disse de começo que Roustaing era missionário auxiliar de Kardec; depois insinua que está no mesmo plano de Kardec; agora o bâtonnier está um pouco mais acima: é o mentor, o patrono e o oráculo dos espíritas granfinos. Isto é a entronização anticeristã do separatismo espiritual.

Esta contradição vem mostrar que o roustainguismo é mesmo a doutrina do anticerista e que a casa dos roustainguistas se transformou na *Sinagoga de Satã*, pois, conforme os Evangelhos, haverá um só rebanho, enquanto que para eles haverá dois: os dos que tem fé e os dos que têm prosápia, o dos que fazem obras e pregam a fraternidade e o dos que falseiam as obras e se constituem em dominadores de seus semelhantes.

Não são estas expressões de ataque; são expressões de factos. São as declarações de um director da F. E. B. e os exemplos sistemáticos dessa organização,

Querem a prova?

Aqui a temos; foi por um abuso de confiança, tomando procurações dos kardécistas votantes, que se deveriam reunir em assembleia, na qual seria eleita a direcção da F. E. B., que, num golpe baixo, os roustainguistas assaltaram o poder; feito isto, reformaram os seus estatutos, introduzindo um dispositivo que exige a confissão do credo roustainguista para poder participar do conselho e da directoria; ainda pelos estatutos, a directoria completa o conselho e este elege a directoria. Vejam-se Art. 2.<sup>º</sup>, letra a e Art. 36.<sup>º</sup>, § 3.<sup>º</sup>.

Se houvesse essa unidade de vistos, que o sr. Ismael proclama, se não houvesse uma divisão de águas, estabelecida pelos roustainguistas, os kardécistas não encontrariam ali as portas trancadas. Se ali forem, não se lhes pede colaboração mas subserviência: que vão para os estábulos de Áugias, sem esperança de um novo Hércules.

Por isso dizemos, com sobradas razões, que a F. E. B. explora o nome de Kardec e o prestígio de suas obras, para fazer, à custa do Codificador, a propaganda do roustainguismo. Até hoje os espíritas de fala portuguesa não dispõem de uma edição fiel e completa dos escritos de Allan Kardec; ao contrário, enquanto duas e três de suas obras ficam esgotadas durante anos, a F. E. B. cata trechos de livros do mestre francês, para se

aproveitar da expressão de seu nome e enxertar, subrepticiamente, a propaganda do roustainguismo, que Kardec combateu decididamente. Isto pode ser visto numa obra que Kardec não escreveu, mas que o Dr. Guillon Ribet traduziu — *Introdução ao estudo da Doutrina Espírita*.

Com o roustainguismo o caso é diferente. Para o justificar melhor ainda que no original, a F. E. B. não trepidou em alterar certas passagens da Bíblia, fazendo uma tradução em desacordo com o original e, pois, fugindo duplamente à verdade, num tremendo esforço de engodar a massa dos crentes, para explorar a sua simplicidade, a sua boa fé, a sua capacidade de pagar para ser ludibriada e depois escarnecidida pela injusta, ilógica e odiosa divisão do sr. Gomes Braga.

No fundo o roustainguismo não passa de uma deformidade, explicável pela falta de estudo rigoroso da doutrina, pela permanência do orgulho e da vaidade, que levam o indivíduo a confundir suas próprias ideias com a verdade e seu autoritarismo com a lei de Deus.

Se os roustainguistas fossem lógicos, ante a divisão que o sr. Gomes Braga estabelece na tese em apreço, só lhes restava uma saída: a porta da rua, e a entrega da Federação Espírita Brasileira, isto é, seu património moral e material aos legítimos donos, esses crentes sem ilustração e sem talento, mas que nunca venderam gato por

lebre, nunca falsearam a verdade, e, se poucos conheciam a Bíblia, sabiam, entretanto, que toda a lei e os profetas estavam resumidos em "amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo;" sabiam que não bastava não fazer aos outros aquilo que não queriam que lhes fosse feito, mas, principalmente, que deviam exercer a caridade activa, fazendo aos outros como quereriam que os outros lhes fizessem.

Por todas essas coisas a F. E. B. se deve sentir sem força moral para ser aquilo que diz o seu nome: *federação espírita*. Podem os seus generais fazer o que fizeram: não passarão, com as suas filiais, de pequenos *quistos do erro e da treva*, uma espécie de câncer, a sacrificar a vida da verdadeira colectividade espírita, a travar-lhe os movimentos e as realizações em plano social.

Só o esquecimento, para não dizer a ignorância, da obra de Kardec, no seu tríplice aspecto — científico, filosófico e religioso — poderia levar alguém a querer aplicá-la exclusivamente aos crentes. Isto seria paradoxal.

As ciências experimentais permitiram, nestes últimos tempos, um grande avanço nos conhecimentos gerais da humanidade. Mas o trabalho de Kardec já foi feito com critério científico, sob bases experimentais, levando a generalizações e, pois, a uma filosofia, enquanto que o de Rous-

taing não passou de uma grossa mistificação, dada por uma falange de espíritos inverazes, conquanto de alguma ilustração. Isto foi feito através de um médium único — o que contraria os métodos científicos aplicados aos trabalhos experimentais ou de observação. Logo de saída teve a repulsa do médium: a sra. Collignon não aceitava as mensagens que recebia para o sr. Roustaing. Isto prova que o espírito daquela senhora não se afinava com os embusteiros; que a sua mediunidade estava desenvolvida a ponto de saber distinguir as entidades comunicantes; que, apesar desse misterioso domínio que sobre ela exerceram Roustaing e a *falange da mentira* (o que nos leva a pensar na variedade de tipos de provas a que um Espírito encarnado pode ser submetido), o seu espírito reagia, no propósito de evitar que o embuste pudesse vir a fanatizar criaturas de boa vontade e empolgá-las ao ponto em que se acham, empolgadas, seduzidas, incapazes de raciocínios estritamente lógicos, como acontece com a pléiade dos nossos confrades da F.E.B. Este trabalho de Roustaing, cheio de incongruências, em desacordo com as mais autorizadas escolas de estudos bíblicos, quer do ponto de vista filosófico, quer teológico, nunca teve a menor repercussão nos grandes meios espíritas, como por exemplo, na Inglaterra e nos Estados Unidos, a despeito do sr.

Roustaing haver feito uma edição de sua obra, tristemente célebre, em língua inglesa, graças a sua fortuna pessoal e não aos reclamos do público e ao empolgamento de suas pseudo-verdades.

\* \* \*

Passemos à última tese.

Diz o sr. Gomes Braga que “*está sobejamente confirmada a natureza excepcional do corpo de Jesus, em numerosas comunicações, e com isso consolidada a obra de Kardec, e confirmados o Cristianismo e o Judaísmo*”.

Vamos devagar.

Se tomarmos isoladamente a primeira parte da tese — *está sobejamente confirmada a natureza excepcional do corpo de Jesus*, — e a analisarmos a luz da doutrina dos espíritos, ditada em vários centros de diversos países, em datas diferentes e através de médiuns que se não conheciam; por outras palavras, se a explicarmos conforme mensagens medianímicas das quais se excluem a mistificação, a sugestão mental e o animismo, isto é, se sintetizarmos a teoria kardeciana sobre o corpo de Jesus, chegaremos ao seguinte: Jesus nasceu como qualquer criatura humana; seu corpo era constituído de matéria semelhante ao dos nossos corpos; se mais plástica, mais equilibrada, diga-

mos, mesmo, mais submissa e educada, era porque seu Espírito representava o mais alto padrão e, como tal, exercia um domínio absoluto, ou quase absoluto, sobre a matéria. Assim foi até a sua morte.

Depois da ressurreição já era diferente. Demonstraram-no as circunstâncias de não ter sido reconhecido pelas mulheres junto ao sepulcro; pelos apóstolos, no caminho de Emaús; nas poucas e fugazes aparições no recinto fechado onde estavam apóstolos e discípulos; na maneira de seu desaparecimento final. Aí, sem: seu corpo era fluídico; antes não.

Esta explicação confirma tudo quanto se acha no Velho Testamento em relação à vinda do Messias, isto é, como profecias referentes ao seu nascimento em certo lugar, em determinada época, no seio de uma família do ramo de David.

Os Judeus seus contemporâneos o sabiam e o confundiram com João Baptista; depois da negativa deste, interrogaram o próprio Mestre, cujas palavras veladas confirmaram as profecias. A explicação também confirma tudo quanto se lê no Novo Testamento, desde os Evangelhos até os Actos e algumas Epístolas.

Se, pois, os roustainguistas lessem a Bíblia atentamente e sem espírito preconcebido, converter-se-iam à Verdade. A tese do sr. Gomes Braga, já discutida no quinto artigo, de que “as

três Revelações — Velho Testamento, Novo Testamento e Espiritismo — formam um todo inseparável, um conjunto único em sua essência e não se pode atacar uma parte sem abalar todo o edifício” é, pois, perfeitamente certa, menos no final, quando diz que “a obra de Roustaing é uma parte desse conjunto”.

E porque?

Porque Roustaing, levado pelos tais espíritos, atacou uma parte daquele edifício, substituindo as verdades ali contidas por uma série de mentiras, entremeadas de verdades, para as mascarar. Sua obra está em contradição com o Velho Testamento, com a boa lógica e com a concordância universal dos ensinos dados pelo Espíritos.

Este duplo aspecto do corpo de Jesus, antes e depois da ressurreição, é aceito pela Igreja Anglicana, a qual representa a mais respeitável escola de teologia protestante em nossos dias. Não há muito ela declarou aceitar a manifestação dos espíritos. Pois bem: antes disso, e, relativamente ao corpo de Jesus, seu ponto de vista estava expresso no trecho que damos a seguir.

*Na Red Letter Edition da Authorized King James Version, a que nos referimos no primeiro artigo, existe em apenso, entre outras coisas notáveis, um Condensed Bible Commentary and Difficult Bible Questions Answered (Comentário Resumido da Bíblia e Resposta a Perguntas Di-*

fíceis); à página 9, segunda coluna, lê-se: “What became of Elijah’s body?”

*“The bodies of Elijah and Enoch were doubtless changed or transformed as Paul describes in I Cor. 15:51.52 — the verses immediately following the wellknown passage, that flesh cannot inherit the kingdom. They were changed into spiritualized bodies like in some degree that with which Christ rose from dead. His resurrection body seemed to be made of flesh, but it was clearly different from that which he possessed before his death. All the redeemed, the saints who have died before Christ’s coming and those who are alive when he comes, are promised these new “celestial” bodies for the heavenly life. These are the views of commentators who have discussed the subject.”*

Traduzindo:

“Que foi o que aconteceu ao corpo de Elias?

“Os corpos de Elias e de Enoch sem dúvida foram mudados ou transformados, como descreve Paulo em I Cor. 15:51,52 — versículos que se seguem imediatamente à conhecida passagem, que a carne não pode herdar o reino. Foram mudados em corpos espiritualizados, como, de certo modo, aquele com o qual o Cristo se ergueu de entre os mortos. O corpo de sua ressurreição parecia feito de carne, mas era claramente dife-

*rente do que possuia antes de sua morte.* A todos os redimidos, aos santos que morreram antes da vinda do Cristo e aos que estiverem vivos quando ele vier são prometidos novos corpos "celestiais" para a vida celeste. São estes os pontos de vista dos comentadores que discutiram a matéria."

O grifo é nosso.

Veja-se como os protestantes, que não admitem as aparições de Espíritos, que não compreendem se fale em fantasmas e agêneres; que até agora não sairam de uma grande confusão, motivada pelo emprego indiscriminado, na Bíblia, dos vocábulos *espírito*, *Senhor* e *Deus*; que levaram sua repulsa ao ponto de não admitirem certos livros da Bíblia, considerados não canónicos, entre os quais o de Tobias, que é toda uma longa história de um espírito materializado; veja-se como os protestantes, famos dizendo, tiveram, em relação ao corpo de Jesus, a compreensão clara dos factos, e lhe deram uma interpretação em harmonia com as Escrituras!

Mas o snobismo roustainguista quis ser original e, julgando dizer novidade, foi ressurgir velha e desmoralizada teoria, que o iluminado de Patmos denunciara com tanta clareza, precisão e sobriedade.

Em artigo anterior transcrevemos as passagens de Kardec relativas aos agêneres, pelas quais

se vê que o Codificador foi sistemáticamente hostil à teoria do corpo fluídico de Jesus. Reptámos o sr. Gomes Braga a exhibir os escritos em que, diz s.s., Kardec apoiou a teoria de Rous- taing, mas até agora eles não apareceram, pela razão muito simples e bastante de que Kardec não os escreveu, nem como homem nem como Espírito.

Quanto às *numerosas comunicações* a que se refere o sr. Braga, são em geral desconhecidas. Sabem-se-lhes apenas as referências: teriam sido dadas a Francisco Cândido Xavier e a duas senhoras, médiuns oficiais da F.E.B.: Zilda Gama e América Delgado.

Através de Xavier é conhecido o trecho de uma obra ditada pelo Espírito de Humberto de Campos. Pode ser legítima opinião desse Espírito, mas também pode ser uma adulteração, de vez que já ficou provado pùblicamente que, ao reeditar outra obra recebida através daquele médium, a F.E.B. alterou certa passagem, afeiçoando-a aos princípios roustainguistas. E' facto do domínio público, como o é que a F.E.B. não teve defesa.

Deste jeito, quaisquer outras mensagens de Chico Xavier, publicadas pela F.E.B. afirmindo os princípios roustainguistas, são sempre suspeitas... E sem que isso diminua o médium.

Aquelas duas senhoras eram médiuns da casa, do mesmo grupo, sujeitas às mesmas influências. O ensino dado pelos Espíritos a Allan Kardec nos diz da desvalia de tais comunicações — desde que não tenham o prestígio da concordância universal e quando se não acomodem à lógica, ao bom-senso, à moral e a documentação histórica; numa palavra: a unicidade de pontos de vista, em âmbito universal.

E porque?

Porque o médium que trabalha isoladamente, ou num centro único, pode estar sob a acção de um mistificador, que varia suas vibrações, para modificar a maneira de sentir do médium; deste jeito, apresenta-se com linguagem diversa e vários nomes, para que um disfarce confirme e prestigie o outro; pode ainda estar sob a acção de uma falange, que age de plano, em jogo combinado. O mesmo se dá nos centros, com mais de um médium: podem estar todos sob o domínio de um só Espírito ou de uma falange, que age como no caso do médium isolado, aplicando ao conjunto aquelas mesmas formas de acção.

E não é tudo. Kardec não teve tempo de entrar em maiores minúcias, que só mais tarde foram conhecidas.

Tudo quanto ele disse sobre o caso, e que damos acima resumidamente, porque já o dissemos *in extenso* em artigo anterior, pode ser

praticado por um Espírito encarnado — o do próprio médium.

Em circunstâncias especiais pode o médium chegar a um certo grau de exteriorização parcial — e mesmo total — de seu Espírito, re-adquirir o domínio sobre conhecimentos latentes, que não revela em estado normal, e ser tomado como uma entidade independente. Em tais casos pode mesmo ser visto com forma diversa da de seu corpo somático actual e, assim, levar os videntes que o observem a tomá-lo como outra entidade.

Neste estado revelam grandes conhecimentos, dominam mesmo uma assembleia e criam uma grande receptividade para o que dizem e fazem. A assistência, geralmente a mesma, cria as condições psicológicas e magnéticas do ambiente para a reiteração do fenómeno. A falta de estudo acurado do assunto pela massa dos Espíritas desacredita, em geral, as tentativas de elucidação científica do caso.

Neste particular conhecemos actualmente dois casos típicos: uma senhora, muito honesta, cristã, caridosa, humilde, dedicada à doutrina; está convencida que recebe o Espírito de ilustrado clínico; e faz diagnósticos mais ou menos certos, indica remédios, com os quais obtém curas ou melhoras acentuadas; dá passes com magnífico proveito para os beneficiários, seja por sugestão,

seja pelo mesmo efeito magnético de seus fluidos. O outro é um senhor, médium de incorporação; recebe espíritos de várias categorias; mas em certas condições exterioriza-se, seu Espírito volta ao passado, recupera e revela grandes conhecimentos e se exprime em magnífica forma de orador. Inconsciente do facto, não se inculca este ou aquele Espírito: o público é que se encarrega de lhe atribuir um nome — que é, sempre, o de uma grande figura passada do Espiritismo.

Nosso ponto de vista é que o sr. Roustaing foi enganado. Sem a experiência necessária, seu entusiasmo, quiçá mesmo as falhas tão comuns na ordenação de conhecimentos das pessoas de muita ilustração; sua direcção, no culto das letras jurídicas, naquele tempo, mais do que hoje, desinteressadas nas ciências experimentais ou, ao menos, nos trabalhos práticos de laboratório que, principalmente eles, dão acuidade e intuição, de par com o indispensável alheiamnto do fenómeno, a ponto de, no sentido de orientar pesquisas e formular hipóteses provisórias, que são prontamente abandonadas, desde que os primeiros resultados não se acomodem às grandes verdades e aos princípios firmados pelo geral consenso científico; tudo contribuiu para que o ilustrado advogado de Bordeus se empolgasse, se fanatizasse — ele que era um neófito, que apenas havia lido meia duzia

de obras sobre espiritismo e desconhecia o seu lado experimental, — a ponto de pôr de lado a repugnância do próprio médium pelo conteúdo das mensagens.

Na verdade aquilo era um ovo de Colombo: não haveria mais mistérios, não haveria mais milagres; os dogmas cairiam, todos, ante esta simples explicação — um corpo fluídico!

A vaidade incontida, o orgulho insopitado foram nele maiores que o seu poder de análise, que o domínio de si mesmo. E perdeu-se.

Imagino-o hoje como Espírito lúcido, altamente consciente de seu erro, assistindo a multiplicação de suas funestas consequências, por dezenas e centenas de pessoas, graças à repetição, num pequeno núcleo, das mesmíssimas circunstâncias em que um dia se achou, empolgado por uma falange vaticânica, que tudo tem feito, e tudo fará, para destruir, para desmoralizar o Espiritismo.

E como lhe deve doer a antevisão de sua responsabilidade kármica! Como deve sofrer nesse castigo atroz de não poder chegar aos núcleos que o tomam por patrono, e dizer, através dos médiuns: "Vocês estão errados e por minha culpa; essa dedicação de vocês, esse empolgamento, esse fanatismo, essas inverdades são o meu inferno. E vocês não me escutam; vocês não me aliviam; vocês..."

Não poderia acabar: o director dos trabalhos o enxotaria como a um miserável mistificador.

Kardec deixou uma obra, se não acabada, ao menos com os alicerces feitos, com a infraestrutura definida. Nestas nove décadas que decorrem desde o seu aparecimento codificado, muito tem evoluído o Espiritismo. Mas ainda não foi necessário alterar nenhum ponto, sobre o qual ele houvesse emitido opinião. Muito se avançou no conhecimento de detalhes: nunca, porém, se constatou a menor necessidade de substituir uma viga, isto é, de mudar um conceito.

Assim, uma obra tão sólida não necessita ser consolidada por um trabalho a que falta base científica, falta lógica, falta esse apoio universal dos próprios Espíritos que, *urbe et orbe*, espalharam o imenso material com o qual a doutrina foi codificada no seu tríplice aspecto. A verdade não necessita da mentira para se consolidar.

Esta segunda parte da tese do sr. Gomes Braga, pelo visto, é uma cavilação, como o é a parte final, que diz ficarem assim “*confirmados o Cristianismo e o Judaísmo*.”

Perdoe-nos o sr. Gomes Braga, perdoe-nos o público. O melhor comentário à afirmação de que era necessária a obra de Roustaing para confirmar a obra de Jesus Cristo é... o silêncio.

## VII

**F**ECHEMOS esta série de artigos de análise do livro do sr. Ismael Gomes Braga e patenteemos o sentido do roustainguismo.

Nesta análise por vezes fomos aspero, dessa aspereza chocante mas necessária nos ambientes espíritas. Mercê de Deus, entretanto, jamais nos afastámos daquela recomendação de Kardec: *discutir sem disputar*. Nunca deixámos de citar fielmente as fontes; nunca faltámos com o respeito à lógica, aos factos, à verdade. Se, de passagem, fizemos referências a pessoas, vivas ou mortas, jamais ferimos condições personalíssimas. E' que essas criaturas estavam ligadas à projecção social de acontecimentos que interessam à gente espírita de modo muito particular.

Tomaram os espíritas como *slogan* número um o título de uma obra ditada pelo Espírito de Humberto de Campos: *Brasil, coração do mundo, pátria do evangelho*. Meditem os leitores sobre o conceito aí contido. E' possível que o Espírito tenha lá as suas razões. Mas como? Quando?

Os factos são estes: somos vanguardeiros na fila dos países de analfabetos; esquecemos que a